

Uma tradição que resiste em Planaltina

Levi Pereira

Desde o último dia 11, cerca de 300 cavaleiros vêm percorrendo uma parte significativa do território do DF. Montarias adornadas e vestimentas cuidadosamente preparadas, esses homens vão passar nove dias longe de suas famílias e dos afazeres cotidianos. Com a mesma contrição seriada vão cumprir rigorosamente o ritual deixado há mais de cem anos por seus antepassados. A bandeira vermelha com o desenho de uma pomba branca vai à frente da tropa e anuncia o motivo de tanto sacrifício: reverenciar o Divino Espírito Santo e pedir-lhe que “ilumine a humanidade para que possamos viver em paz com justiça e igualdade”.

Os cavaleiros, ou foliões da roça — como são mais conhecidos —, representam a parte mais tradicional da Festa do Divino Espírito Santo, um evento carregado de folclore a religiosidade que os moradores da centenária Planaltina fazem questão de preservar intacto dos efeitos da modernidade. Planaltina, com 131 anos, é um pedaço de Goiás que ficou no DF e resiste. A Festa do Divino é o símbolo dessa resistência e os foliões da roça sua expressão mais autêntica.

Estes foliões percorrem esse ano sete fazendas ou “pousos”. Em cada uma delas, pedem ao proprietário “agasalho” (abrigo) para a bandeira do Divino Espírito Santo. É o chamado “Giro da Folia”, cuja preparação cuidadosa é feita durante todo o ano. A reportagem do **CORREIO BRAZILIENSE** acompa-

nhou, na terça-feira, um dos “pousos” dos foliões, na fazenda Catingueiro, próxima a Sobradinho, na quinta parada do grupo de devotos.

Emoção — A chegada na fazenda e todos os passos seguintes do ritual de apresentação da bandeira do Divino são marcados pela emoção. Montados em seus cavalos e com uma salva de tiros para o alto os tropeiros pedem ao dono da fazenda o pouso para toda a comitiva. Enquanto não houver o sinal de aprovação do fazendeiro, a tropa não pode “acabar de chegar”. A recusa nunca acontece, pois impedir que os representantes do Divino Espírito Santo tenham abrigo significa pouca sorte para colheitas futuras.

Já na fazenda, os foliões fazem, em frente à casa do proprietário, o desenho de um coração utilizando seus cavalos. Seguem-se as “obrigações religiosas”, que são as cantorias de saudação ao Cruzeiro do Divino Espírito Santo — uma cruz de madeira adornada pelos donos da casa e instalada em frente à sede da propriedade. Dentro da casa, ocorre a saudação do Altar do Divino. Aí, num ato repleto de contrição, a família anfitriã é envolvida na bandeira do Divino Espírito Santo e recebe os votos de paz e prosperidade. A partir daí vem o jantar para os foliões e convidados e a parte profana da festa, com a dança do Catira — uma evolução de palmas e sapateado — da qual só participam os homens: Cerca de mil pessoas foram à fazenda Catingueiro. A festa varou a madrugada.

FOTOS: VANDERLEI POZZEMBOM



Os cavaleiros chegam às fazendas e pedem “agasalho” para a bandeira do Divino